



Urbano Bettencourt

# A Cidade sem Nome, de Ana Ferraz da Rosa

No momento em que Marita Bacassi, regressada à ilha possivelmente pela última vez, começa a relatar a sua história pessoal, a vida tinha dado muitas voltas na Vila da Santa e arredores. Ao lado, erguera-se uma nova cidade, estrangeira, com o seu correlativo bairro da lata, posteriormente segregado através de redes metálicas e arame farpado.

A vila não mudara de nome, mas Mrs Marita Bacassi já não era Maria da Encarnação, «o pau de virar tripas» que, num dia remoto, «ele» escolhera a olho dentre as várias irmãs. A casa de outros tempos está agora recheada de móveis ao estilo italiano comprados por catálogo. E se estão atrasados os navios que hão-de trazer da América os baús para o Natal, é porque a guerra está para durar.

Na ficção, os nomes de personagens são o que são. Mas sob o críptico, codificado *Vila da Santa*, resguarda-se um topónimo do mundo empírico, com o qual é possível (e fácil) o leitor estabelecer uma rede de afinidades, porque a história nuclear de *A Cidade sem Nome* constitui ela própria a projecção e o modelo literário de um facto histórico: a ocupação pelos ingleses e depois, definitivamente, pelos americanos de uma parte da ilha Terceira, com as consequências daí resultantes.

Algumas delas tornaram-se recentemente matéria mediatizada e objecto de agitação comunicacional, nomeadamente as que se reportam à contaminação dos solos e dos aquíferos terceirenses por hidrocarbonetos e metais pesados. E há também o conjunto de reportagens sobre a adopção de crianças açorianas pelos americanos, em processos no mínimo bastante duvidosos.

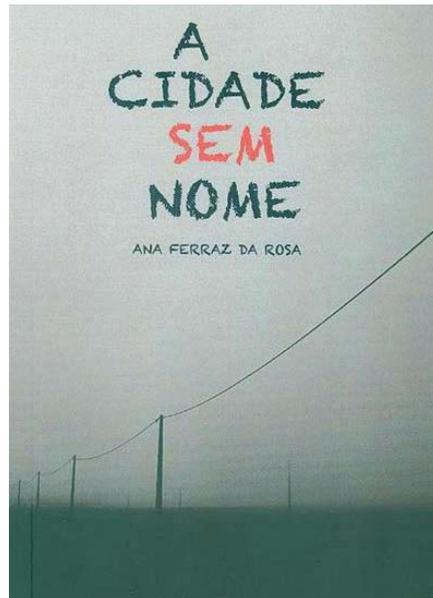
Mas estes são aspectos parcelares, embora não menos-prezáveis, dentro de um quadro mais vasto de transformações que não terão tido acesso muito significativo ao universo literário.

Nesta perspectiva, as referências a essas transformações surgem em dois textos de Vitorino Nemésio e em registos diferenciados: no poema «Cantigas ao Campo das Lajes» (*Festa Redonda*, 1950) e na crónica «Uma pista de aviões numa eira» (*Corsário das Ilhas*, 1956). No primeiro deles, duas vozes líricas alternam-se para (d)enunciar, na voz do homem, a ameaça representada pelas armas e meios aéreos estrangeiros («tanto caga-fogo de alto! / Tanto bidom, tanto prigo!») e, na voz da mulher, as mudanças a nível económico e as novas práticas sociais e os costumes: «Olha a Praia de hoje em dia / Com cafés de porta em porta! / Vou dar o sim a um inglês, / Que minha mãe nã se importa.»

São os novos modos de vida entre o extasiamento, as oportunidades de vida e o medo perante o perigo, que em *Corsário das Ilhas* darão sobretudo lugar às transformações de natureza económica e social:

Agora, na vila histórica, aerodinamizada, toda vibrante das asas dos *Dakota* e dos *Skymaster*, os filhos e netos dos velhos lobos do mar da minha infância são *grooms*, cocheiros de carrocinha, engraxadores, criados de café, caixeiros de estanco e, até, donos de restaurante, da «casa regional» e de vendola.

Se dei esta volta por Nemésio, foi por considerar que *A Cidade sem Nome*, de Ana Ferraz da Rosa, vem juntar-se aos referidos textos do poeta terceirense sobre o «Campo das Lajes», projectando a sua perspectiva sobre a transformação operada na Terceira desde que «a moda da gasolina secou o trigo do chão» (Nemésio, 1989: 313); e também porque a actualização literária da questão americana a que procede a autora nesta sua novela significa também uma ultrapassagem dos dados anteriores, uma expansão da abordagem e a abertura de caminhos em outras direcções, exactamente porque a narrativa, com as suas potencialidades, permite um



campo de análise e «exposição» indisponível no modo lírico, sintético por natureza. Por tudo isso, e a partir de agora, a narrativa de Ana Ferraz da Rosa terá, por mérito próprio, de ser referenciada sempre que se falar da ficção literária que tomou como objecto seu a presença militar americana na Terceira, com as suas sombras e a sua luz também.

Há em *A Cidade sem Nome* duas narrativas alternantes e graficamente diferenciadas: a de Marita Bacassi, cuja história confluirá no fim com a principal. Esta inicia-se com o desembarque das tropas estrangeiras na Terceira, que se torna o elemento *perturbador* da vida insular, o sismo social que desequilibra a rotina e possibilita o arranque da narração em ordem a um novo momento de estabilização.

As consequências desse desembarque sentem-se desde logo na realidade do espaço.

O pacato burgo da Vila Santa vê erguer-se na sua margem um outro espaço, para alojamento dos militares em serviço e de passagem, um mundo à parte e autónomo, em que «a ordem e a hierarquia eram palavras-chave» e cuja organização auto-suficiente permitia às suas gentes prescindirem dos serviços da Vila, pelo menos numa fase inicial. A Cidade sem Nome. E na periferia desta constitui-se, por sua vez, o bairro da lata, um aglomerado de «pequenas habitações improvisadas» de tijolos, zinco e sobras de madeira: era o terceiro espaço, o daqueles que chegavam de outros lados da ilha e mesmo das ilhas próximas, atraídos pelas oportunidades de vida, pela possibilidade de empregos mais estáveis e remunerados – espaço «anárquico e insalubre», de que com o tempo a cidade estrangeira se foi isolando mediante a implantação de redes metálicas e arame farpado.

Ora, importa ver que, para além de espaços físicos, eles definem-se em termos humanos, pela natureza das suas comunidades; são espaços sociais delimitados pelos seus estatutos, as suas práticas de vida e de socialização: a vida arrumada e tradicional de Vila da Santa, encravada entre os traços modernos e «o ambiente importado» da Cidade sem Nome e a promiscuidade do bairro da lata, na sua luta desenfreada pela sobrevivência. Assim, o que *A Cidade sem Nome* nos dá

a ver no seu processo de representação é, num plano de conjunto, a teia de relações entre esses três espaços e principalmente os modos desse relacionamento e os jogos de poder, social, económico, sexual, que nele se estabelecem.

E é ainda nesse quadro geral que é possível observar a ressurreição económica de Vila da Santa, a sua adaptação ao novo estado de coisas: o aparecimento de bares e restaurantes, adaptando-se estes aos novos gostos gastronómicos; os salões e ourivesarias com designações bilingues (*Salão Beautiful*); as lojas de artesanato para estrangeiros; o incremento da construção civil, de acordo com as exigências de conforto e higiene dos estrangeiros. Por outro lado, em termos de imagem, os estabelecimentos modernizaram as suas instalações «e aos empregados foi exigido que trocassem de camisa todos os dias e tomassem banho sempre que necessário.» (p. 74). E num mercado regulado pela lei da procura e da oferta, as prostitutas não só se multiplicaram como subiram os preços cobrados pelos seus serviços.

Mas é seguramente no plano dos costumes e dos modos de vida que Vila da Santa terá de enfrentar os demónios da transformação, entre o escândalo e o deslumbramento perante o estilo desinibido das mulheres estrangeiras, talvez emancipadas ou simplesmente autónomas, talvez fúteis ou despreocupadas com a vida.

Sobre este cenário recorta-se a figura de Clara, filha de Teotónio e Mercês Maldonado, ele arribado à ilha, onde prosperara. Com acesso ao interior da Cidade sem Nome, ao seu brilho social e à sua cultura (em que sobressai o *jazz*, não nomeado, apenas descrito na sua estranheza), mas sem qualquer sobressalto em visitar o bairro, Clara integra o trio de figuras femininas de maior preponderância neste romance, ao lado de Marita e de Marcionilda dos Anjos. E se em Marita a emancipação é fruto da permanência os EUA, em Clara a emancipação é uma conquista interna, digamos assim, resultado da observação e mimetização das mulheres da Cidade sem Nome e de uma ultrapassagem dos constrangimentos e convenções sociais de Vila da Santa e da própria família.

No final, o casamento de Clara com o capitão Jim Hanks é um sinal do novo estado das coisas, o equilíbrio conseguido em termos sociais entre estrangeiros e residentes. Como o já fora o casamento de Adélia com um funcionário superior da Cidade sem Nome. Ou como também tinha sido a intervenção das forças militares americanas para limpar os escombros e as ruínas provocadas pelo terramoto em Vila da Santa. Num pequeno meio insular, de proximidades e interações inevitáveis, os «amores labirínticos» ou furtivos são ainda uma condição e um sinal desse equilíbrio: Afonso, o meio irmão de Clara, é *filho* da Vila e do bairro; Jim Hanks é *filho* da Vila e da Cidade sem Nome. Ambos atestam a incapacidade das barreiras físicas e sociais para sustentar a atracção e o ímpeto dos corpos, pelo menos a um nível subterrâneo e esquivo ao olhar público.

Resta dizer que a narrativa de Ana Ferraz da Rosa se organiza de forma consistente e claramente articulada, num discurso desembaraçado, por vezes abrindo espaço a momentos de natureza lírica e a que não falta sequer traço irónico, uma forma de assinalar um distanciamento em relação aos acontecimentos narrados.

(Texto lido na apresentação do livro de Ana Ferraz da Rosa na Livraria Letras Lavadas, Ponta Delgada, a 5 de Dezembro de 2019)